

EVA IA PROCRIAR

Florencia Davidzon

Eva mexia o pó nutritivo em seu copo d'água, sentada no mesmo bar onde havia visto, pela última vez, seus dois ex-namorados. Seu olhar pousou na planta de plástico que decorava a mesa, um triste lembrete da natureza perdida. O local, antes cheio de vida, agora estava quase vazio, um reflexo do mundo que ia se esvaziando aos poucos. Lembrou-se do primeiro, aquele rapaz de sua juventude que ganhara fama na imprensa. Suas mãos gordas e o sorriso ingênuo escondiam uma verdade amarga: ele era um ladrão de ideias, um plagiador que havia enriquecido às custas do trabalho intelectual e criativo dos outros. Eva sentiu alívio por ter decidido não engravidar dele. Seu sêmen teria perpetuado uma linhagem de mediocridade e falta de escrúpulos.

*** História inspirada por **Mulheres e caça às bruxas** de Silvia Federici.*



Sua mente então se voltou ao segundo, o professor, o artista. Sua arrogância e sorriso sedutor escondiam uma vergonha profunda. Eva descobrira que ele não era apenas egocêntrico, mas também um covarde que renegava sua própria identidade. Assinava como H. Juárez, ocultando seu verdadeiro sobrenome, Hirsch, e inventando um Juárez tirado da cartola; assim, tentava apagar o legado de sua família, fundadores de colônias agrícolas judaicas em Entre Ríos e Santa Fé. O desprezo daquele homem por suas raízes lhe causava náuseas. Fora tola ao acreditar nas palavras bonitas que saíam da boca dele.

Eva acendeu um cigarro e ficou observando a brasa incandescente, admirando o fogo pela última vez. Precisava parar de fumar, pensou, enquanto se convencida de que sua decisão de ser mãe a tornaria uma bruxa que, sem vassoura e sem copular, teria que se fundir com o diabo. Afinal, a maternidade assistida não era uma forma de feitiçaria, um ato de magia? E, nos tempos atuais, não era quase um crime trazer filhos ao mundo que estava se extinguindo?

Além disso, se perguntou: "Como saber se o sêmen anônimo que me inocularão em poucos minutos será melhor que o desses dois espécimes de carne e osso que tanto se esforçaram para plantar sua semente em mim, mesmo com meu pleno conhecimento de seu histórico?" A ideia de um doador desconhecido, diferente desses homens que ela conhecia bem demais, a enchia de incerteza, mas também de esperança. Pelo menos, esse sêmen anônimo não vinha com a garantia de uma vida minúscula.

Seus dedos tocaram as pétalas artificiais da planta de plástico. Naquele gesto, sentiu toda a ironia de seu mundo: cercado de imitações de batimentos cardíacos, enquanto a vida verdadeira agonizava lá fora. O mundo seguia seu processo de autodestruição e despovoamento, culpando as mulheres, a reprodução, pelo aquecimento global e pela destruição do planeta.

Eva sorriu amargamente, pensando nas voltas que a vida dava. Antigamente, as mulheres eram queimadas nas fogueiras por conhecerem os segredos da vida e da morte, por ousarem controlar seu próprio corpo. Agora, ela se sentia como uma dessas bruxas, mas ao contrário: uma feiticeira rebelde por querer criar vida em um mundo que se empenhava em se autodestruir. O fogo não estava mais nas praças públicas, mas nos olhares acusadores, nos sussurros de condenação. "Bruxa", diriam, não por impedir nascimentos, mas por ousar provocar um. E ela, como suas antepassadas, estava pronta para dançar nesse fogo, para transformar as chamas da crítica no caldeirão onde gestaria sua própria revolução.

Seu comunicador vibrou de repente. Era uma mensagem da irmã: "Eva, por favor, pense bem. Ter um filho é loucura. Você não vê que o mundo está acabando?" Mal terminou de ler, outra notificação apareceu. Seu irmão: "Maninha, ser mãe é um privilégio de rico. Com o que você vai sustentar uma criança? Você mal consegue sustentar a si mesma."

Eva sentiu o ar lhe faltar. Fechou os olhos e quase pôde ouvir a voz do pai falecido: "A maternidade vai te escravizar, te tornar mais submissa ao sistema. Vai te domesticar. Justo o que você não queria, lembra?" Algo dentro dela se rebelou contra esses pensamentos. Eva entendeu que aquelas vozes eram apenas ecos de um sistema que buscava manter a sociedade isolada, atomizada, sem laços sociais reais. Um mundo de relações superficiais, sem afeto nem compromisso, onde a falta de vínculos tornava as pessoas e o sistema de consumo mais rentáveis e domesticáveis. A decisão de não procriar, longe de ser uma escolha livre, havia se transformado em outra forma de controle, um meio de perpetuar uma sociedade de indivíduos solitários, facilmente manipuláveis. Eva estava decidida a desafiar essa narrativa. Ia procriar, regenerar o mundo, criar comunidade.

Apagou o cigarro e se levantou, pronta para ir à clínica. Levava poucas coisas na bolsa. O livro *Calibã e a Bruxa*, de Silvia Federici, lhe dava força a cada passo. Eva sabia que sua decisão era um ato de resistência ecofeminista e, mesmo que essa palavra soasse como ofensa, isso a enchia de alegria. Ela fazia uma aposta em um mundo que parecia ter desistido.

Enquanto caminhava rumo à clínica, pensava no nome da futura filha. "Simone", decidiu por fim, em homenagem às mulheres francesas que pensaram, duvidaram, escreveram e erraram sob esse nome.

A cada passo, sentia que desafiava uma rede de mentiras que havia transformado a maternidade em privilégio de classe, em carga ambiental, em forma de controle que lhe causava repulsa. Ganhou clareza diante do semáforo vermelho que atrasava seu passo, a decisão de ser mãe era sua rebelião em 2050 contra a solidão imposta, contra a desconexão forçada, contra a ideia de que amor e compromisso genuínos eram obstáculos ao progresso.

Eva se sentia pronta para voar, como as bruxas do passado, aquelas que nunca existiram além dos olhos de milhões de misóginos temerosos.



Não precisava de vassoura; sua determinação era suficiente para se elevar acima das expectativas e normas sociais. Pensou no gato preto que a esperava em casa, seu companheiro nessa aventura mágica da maternidade, e sentiu ainda mais firmeza.

O mundo podia estar acabando, mas Eva estava prestes a criar um novo começo, um que não seria de plástico, mas tão real e vibrante quanto a própria vida. Sabia que sua escolha poderia levá-la à fogueira e a tornaria um estigma social. Ser mãe de primeira viagem aos 65 anos não seria bem visto, mas ela estava disposta a arder por suas convicções, a ser a bruxa que o mundo temia: uma mulher que escolhia dar vida, criar comunidade e cultivar conexões acima do isolamento e da esterilidade emocional.

Diante da porta da clínica, Eva respirou fundo. Com determinação, empurrou o vidro e entrou, pronta para abrir as pernas e deixar que a natureza tecesse laços de vida em um mundo que havia esquecido como amar. Olhou o holograma e abraçou o processo de seu destino, disposta a ser a bruxa que conjuraria um futuro diferente, o futuro preferido e plausível, distante da agenda política da sua época, descrente do status quo dominante, com a convicção e o poder de que seu ventre e sua vontade eram tudo o que precisava para fazer mágica no mundo.

